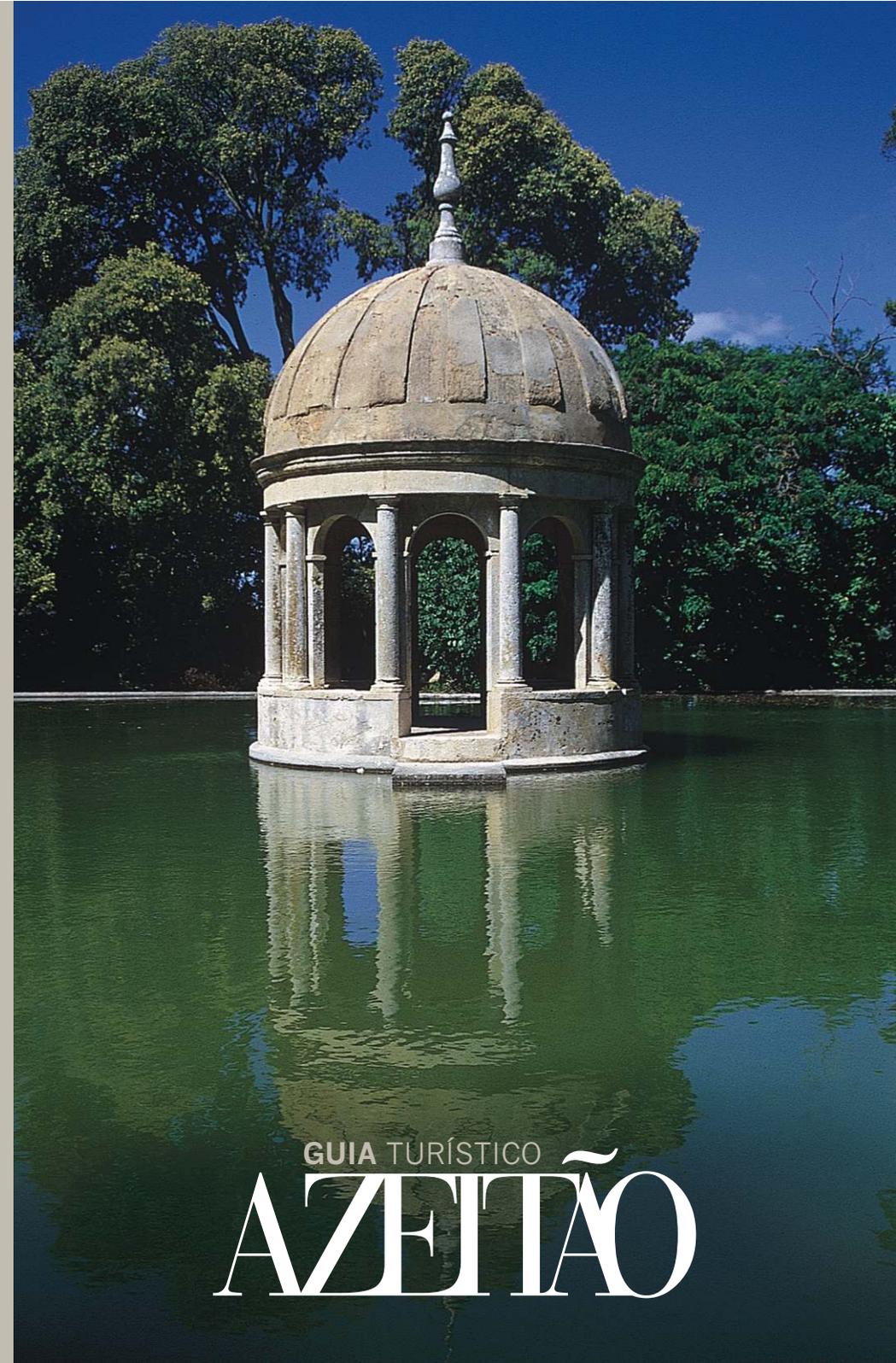




GUIA TURÍSTICO



GUIA TURÍSTICO
AZETÃO



AZEITÃO

Conhecer Azeitão é descobrir toda uma região que, desde tempos imemoriais, sempre atraiu o Homem.

Dominada pela cordilheira da Arrábida, Azeitão dispõe de condições naturais que há milhares de anos, a tornam um local atractivo. Os mais antigos indícios da presença humana nesta área remontam ao Paleolítico.

De grande importância foi a ocupação romana, que se desenvolveu, fundamentalmente, em duas áreas: no estuário do Sado (Arrábida, Setúbal, Tróia) com uma actividade industrial ligada à salga e conservação de peixe, e em Azeitão, com actividades agrícolas.

Da presença árabe não se encontraram vestígios arqueológicos, porém, para vários autores, essa presença é certa e manifesta-se nos nomes das terras e nas actividades tradicionais, como refere Jaime Cortesão: *Arrábida, a serra em cujas faldas assentam Azeitão e Aldeia (dos Irmãos) e donde manam as Ribeiras de Alcube e da Azenha, outros tantos nomes e traços da vida e cultura moçárabe, leva-nos a crer que este arrabalde já fora, durante a Idade Média, fresco lugar de recreio e vilegiatura de senhores árabes.*

Mas é, sobretudo, a partir do século XV que Azeitão ganha prestígio, quando a nobreza descobre o clima ameno, a beleza e tranquilidade destas terras, abundantes em caça e pesca, e aqui constrói palacetes e quintas brasonadas, verdadeiros centros de lazer onde passava longas temporadas.

PATRIMÓNIO CULTURAL E EDIFICADO

Palácio dos Duques de Aveiro

Apesar do seu estado de degradação, é a construção mais monumental e a que melhor simboliza o passado aristocrático das terras de Azeitão.

Foi construído em meados do século XVI por ordem de D. João de Lencastre (primeiro Duque de Aveiro), em terrenos que lhe foram cedidos pelos frades do Convento de S. Domingos.

Neste palácio foi preso o Duque de Palmela e toda a sua família, por alegada participação numa conjura contra o Rei D. José.

Sobre o portal ainda é visível o brasão de armas ducais, picado por ordem do Marquês de Pombal.

Após a prisão do duque, foi saqueado, tendo desaparecido todo o seu recheio. Mais tarde o edifício foi cedido pelo Marquês de Pombal a um industrial para a instalação da primeira fábrica de chitas existente em Portugal e que funcionou de 1755 a 1846.

É um solar severo e majestoso, em estilo maneirista.

Convento de S. Domingos

Construído em 1434, ruíu por ocasião do ter-

ramoto de 1755. Dele subsistem apenas a entrada nobre com cantarias (séc. XV-XVI).

Museu Sebastião da Gama

Dedicado à memória do «poeta da Arrábida».

Igreja de S. Lourenço

A actual construção remonta ao século XVI mas, no local, já existia um templo desde o século XIV, do qual nada subsiste.

É uma igreja de volumetria simples e fachadas rectilíneas, que merece ser visitada pelo seu interior rico em azulejos: os da cúpula (século XVII), os da capela-mor, atribuíveis à oficina de Mestre António Oliveira Bernardes (século XVIII) e os do baptistério (época pombalina).

Dignos de referência são também a pia baptismal e púlpito (quinhetistas, em brecha da Arrábida) e o painel, em alto relevo, de faiança esmaltada, representando a Virgem e o Menino (século XVI, proveniente do convento dominicano).

Fonte de Pasmados

Imponente construção, mandada erigir no século XVIII pelo Juiz Machado de Faria.

Em estilo barroco, com influência das obras

de Carlos Mardel em Lisboa, é composto por uma bacia polilobada em mármore rosa, encostada ao pano central, do qual corre a água por bicas abertas em duas carrancas.

O conjunto decorativo é completado com um vaso de flores e as armas reais.

LENDA: quem desta água beber ficará para sempre ligado a Azeitão.

Caves José Maria da Fonseca

Instaladas num edifício do século XIX. Albergam um pequeno museu com fotografias, troféus e maquinaria antiga.

Um jardim interior dá acesso às caves de envelhecimento, uma das quais ocupa o Armazém dos Teares da antiga Fábrica de Chitas.

Fonte da Aldeia Rica

Construída no século XVI, recebeu obras de beneficiação no século XVIII, tendo-lhe sido aplicado o belíssimo baixo-relevo maneirista.

Pensa-se que este painel fazia parte de um conjunto de três que decoravam o Palácio dos Aveiros (os outros dois encontram-se na posse de coleccionadores particulares).

Fonte de Oleiros

Decorada com duas «figuras de convite» envergando fardamento militar, adoptado após a reorganização do exército português feita pelo Conde de Lippe (1762).

Quinta das Torres

Um dos principais e mais belos conjuntos arquitectónicos da renascença em Portugal.

Construída em 1570, por iniciativa de D. Diogo d'Eça, um adepto das novas ideias do Humanismo Renascentista.

Desenvolve-se à volta de um pátio central quadrado, para o qual dá a fachada nobre. Nos ângulos da casa estão as torres que dão o nome à quinta. Sobre o pórtico da entrada podem ser vistos dois torreões em forma de pirâmide, característicos do Renascimento.

A fachada norte dá para os jardins e lago, no centro do qual se ergue um pequeno «tiempetto» assente em 12 colunas.

No interior da casa há salas com tectos em madeira, portas à romana e painéis de azulejo. Na sala que dá para o lago, que, na opinião de Santos Simões, teria sido originalmente uma galeria aberta semelhante às «Casas de Fresco» da Quinta da



Igreja de S. Simão



Fonte de Aldeia Rica



Quinta das Torres



Caves José Maria da Fonseca



Quinta da Bacalhoa - Casa de fresco



Quinta da Bacalhoa - Jardins



Convento da Arrábida



Forte da Arrábida

Bacalhoa, podem observar-se dois notáveis painéis de majólica italiana, provavelmente da oficina de Mestre Orazio Fontana de Urbino, representando cenas mitológicas.

Todo o conjunto é enquadrado por um belíssimo arvoredado que cria um ambiente idílico.

Quinta da Bacalhoa

A Quinta recebeu, ao longo da história, várias designações: «Ville Fraiche», «Quinta da Condestabessa» ou «Quinta do Paraíso». O nome de «Bacalhoa» só surge a partir do século XVII, quando a Quinta entra na posse de D. Maria de Mendonça, casada com D. Jerónimo Manuel, que tinha por alcunha «O Bacalhau».

É a mais famosa quinta da região devido ao seu rico património azulejar dos séculos XV e XVI.

Primitivamente (1427), existiria neste local um pavilhão de caça pertencente ao infante D. João, Mestre de Santiago. Sua filha, D. Brites, herdou a propriedade tendo erigido o palácio e as cercas com cubelos de cúpulas gomadas.

A actual construção data de 1528, sendo obra de Braz de Albuquerque, filho de Afonso de Albuquerque.

A nova construção manteve alguns elementos dos edifícios anteriores (as abóbadas de ogiva, as torres com cúpulas de gomos incorporadas no palácio e dispersas pela quinta), mas segue já os ensinamentos do renascimento, tanto pela planta em L, pela simplicidade das linhas direitas e pelos ritmos e equilíbrio da construção, como pelas *loggias* que se abrem nas fachadas.

O jardim, que se desenvolve em volta de uma fonte, presenteia-nos com um conjunto de buxos de desenho geométrico, seguindo o modelo do jardim renascentista, de que é percursor no nosso país, sendo mesmo considerado um dos mais notáveis monumentos da nossa arquitectura paisagística.

São, contudo, os azulejos que decoram o palácio, canteiros, bancos de jardim e a Casa do Lago que mais contribuem para a fama deste palácio.

Em variadíssimos padrões geométricos de técnicas de aresta e corda seca, os azulejos sevillanos da primeira metade do século XVI enriquecem de cor a Casa de Fresco que dá para o lago. Trata-se de azulejos de majólica, alegóricos e simbólicos, inspirados em gravuras flamengas ou com motivos naturalistas.

Surgem, ainda, revestimentos de azulejos lisos monocromáticos colocados na diagonal, criando o padrão xadrez tão usual da época.

Igreja de S. Simão

A primitiva capela dedicada a S. Simão é de origem muito antiga, sabendo-se apenas que já existia no século XVI.

Em 1569, Afonso de Albuquerque que oferece uma imagem da Sra. da Saúde e o seu filho compromete-se a construir uma igreja para fundar a freguesia de S. Simão.

O templo foi bastante afectado pelo terramoto que destruiu três das suas quatro torres.

O aspecto mais notável desta igreja é o revestimento azulejar que cobre totalmente as paredes. Trata-se de azulejos característicos do século XVII, de tipo «tapete», em azul, branco e



Quinta da Bacalhoa - pormenor de azulejos, Séc. XVI

amarelo onde se inscrevem pequenos painéis figurativos.

Convento da Arrábida

Tem origem numa lenda que nos conta que um mercador inglês que se dirigia a Lisboa teria sido surpreendido por uma forte tempestade que partiu o mastro do seu barco, que ficou à deriva. Tendo o pior, a tripulação procurou a ajuda de uma imagem da Virgem que se encontrava num oratório, mas ela havia desaparecido. Nesse mesmo momento, vislumbrou uma luz que brilhava ao fundo e, de imediato, a tempestade amainou.

Assim que amanheceu, subiram à serra para procurar a origem daquela estranha luz e, surpreendidos, encontraram a imagem desaparecida.

Atribuindo a salvação a um milagre, alguns dos homens decidiram ficar para sempre neste lugar, dando origem ao primeiro ermitério.

A fundação do convento resultou de um encontro que D. João de Lencastre (primeiro duque de Aveiro) teve, em Espanha, com Frei Martinho, um religioso castelhano, que lhe terá confessado o seu desejo de fazer uma vida eremita dedicada exclusivamente a Nossa Senhora. O duque indicou-lhe a Arrábida, onde já existia uma ermida em que se venerava Nossa Senhora da Arrábida.

A primeira comunidade, constituída por Frei Martinho e três outros religiosos, instalou-se, em 1539, junto à ermida da Memória, já então centro de grandes romarias. Durante dois anos viveram em celas escavadas nas rochas. Estas celas e as

capelas que se encontram na parte mais elevada da serra constituem o que é designado por Convento Velho.

Porque as condições de vida eram duríssimas, uma nova comunidade funda em 1542 o Convento Novo, constituído por igreja, capelas, celas minúsculas, fontes, cozinha e refeitório e biblioteca, num jogo de volumes e desníveis que constitui um belíssimo exemplo de integração da arquitectura na paisagem.

Nas sacristia, ex-votos lembram a grande devoção das nossas gentes pela Senhora da Arrábida.

Na fachada da Igreja pode-se ver uma curiosa escultura de grandes dimensões de Frei Martinho, onde o religioso surge com os braços abertos, os olhos vendados e a boca fechada por um cadeado. Nas mãos empunha um círio e um cilício e tem os pés assentes sobre um dragão e a esfera do mundo.

Junto ao Convento, no Santuário do Bom Jesus existe uma interessante construção de meados do século XVII, com um pequeno jardim.

Forte da Arrábida

Foi construído em 1676, após a Guerra da Restauração, com os objectivos de reforçar a defesa da costa e de proteger o convento.

Actualmente encontram-se aí instalados o Museu Oceanográfico (aquários com espécies da fauna e flora do litoral da Arrábida) e um Centro de Biologia Marinha.





A costa sul da península de Setúbal é constituída por uma faixa montanhosa de natureza calcária que, numa sucessão de estratos, desce até ao mar lembrando uma gigantesca escadaria.

A natureza na Serra da Arrábida, além do relevo que a caracteriza, está essencialmente representada pela vegetação, que nos surpreende pela sua raridade e exuberância, mas também pela sua resistência às condições ecológicas tão particulares. Memória de um passado longínquo, a vegetação, que ainda hoje reveste grande parte da Serra, é o único vestígio da floresta mediterrânica do período Pré-Glassiárico sul europeu.

O valor científico e a necessidade de preservação deste património natural, levaram à classificação desta área como Parque Natural e à sua inclusão na Rede Europeia de Reservas Bioenergéticas.

Reservas

A vertente Sul da Arrábida, virada para o mar, pelas suas condições de protecção, humidade e temperatura propicia condições para a conservação das espécies vegetais, de tal forma que, nos vales mais cavados e nas encostas abrigadas, es-

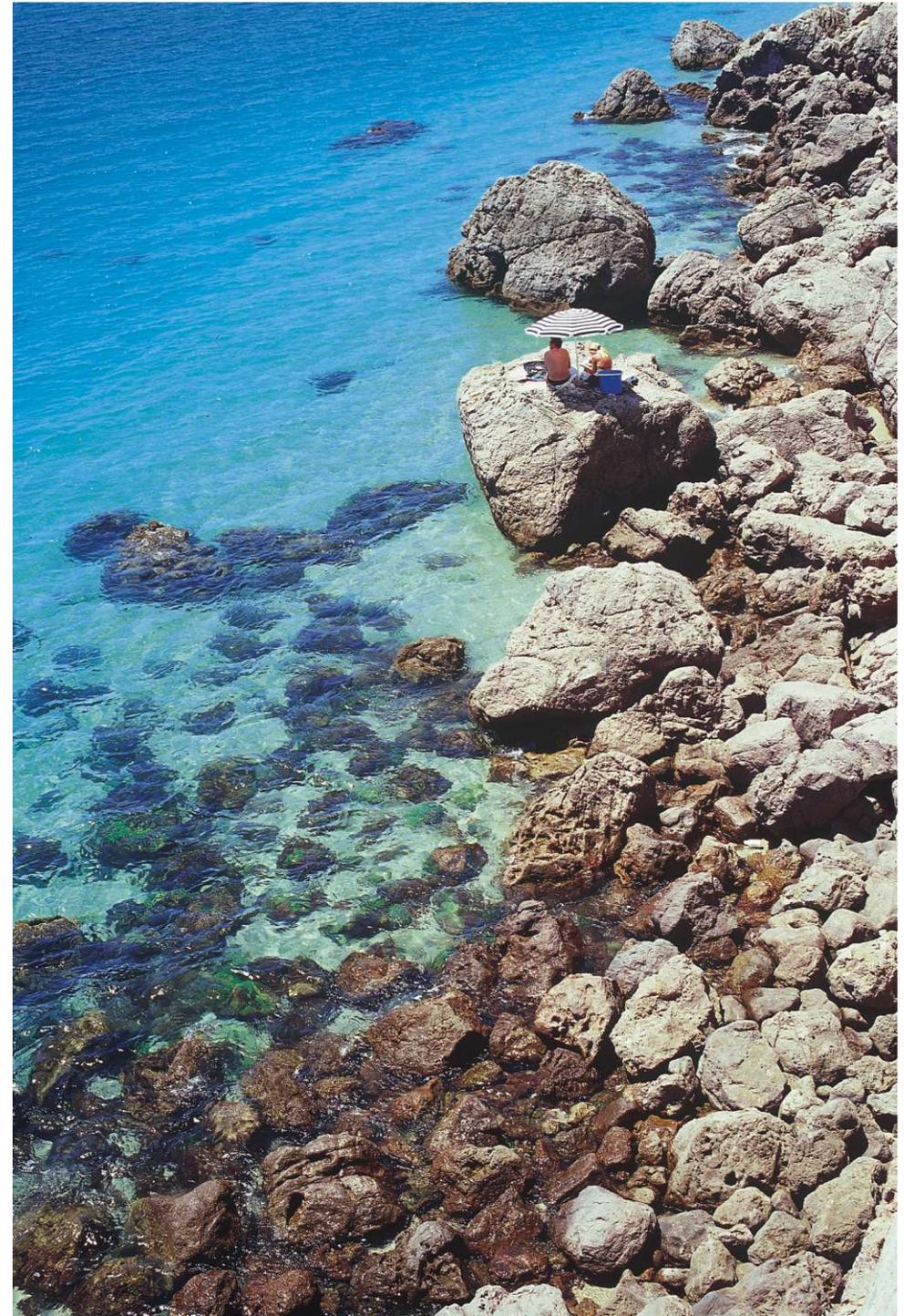
pécies arbustivas como o folhado, a murta, a aroeira, o medronheiro, o carrasco, a azinheira, o zambujeiro ou o carvalho-cerquinho atingem dimensões verdadeiramente invulgares

Todas estas espécies, com as estevas, rosmaninhos, alecrins e madressilvas, formam matas quase impenetráveis e de uma indescritível exuberância.

Para que se preservem estas áreas onde a vegetação conserva características mais próximas das originais, três zonas - Mata do Vidal, Mata do Solitário e Mata Coberta - foram classificadas como reservas integrais. Aí, o acesso é interdito, destinando-se apenas à observação e estudos científicos.

Falésias

É na serra do Risco que se encontra um dos acidentes orográficos mais impressionantes da costa portuguesa. Depois de atingir os 380 metros de altitude no sítio do Píncaro, a encosta cai, abruptamente, sobre o mar, formando as mais altas falésias de Portugal (que alguns afirmam serem também as maiores da Europa).



PATRIMÓNIO NATURAL

Praias

Na base das arribas encontram-se pequenas enseadas e praias de areias brancas, águas cristalinas e tranquilas, abrigadas do vento norte e envolvidas pela magnífica vegetação da Arrábida.

Anicha

Testemunho do avanço do continente, é hoje um rochedo miocénico. Em seu torno, e no canal que a divide, existem diversas espécies de algas. A fauna marinha é também abundante pelo que esta área está declarada como Reserva Marinha.

Actividades de ar livre

A natureza, com os seus muitos contrastes, oferece-nos condições para a realização de inúmeras actividades de ar livre, como percursos pedestres e de orientação, cicloturismo, actividades equestres, desportos náuticos (natação, mergulho, remo, canagem, vela, windsurf) e desportos aéreos (asa delta, parapente, balonismo).

Mas, nas Terras de Azeitão, não é só a natureza no seu estado selvagem que nos surpreende e encanta. Também o que resulta da acção do Homem tem muito para nos oferecer.

*He este sítio de Azeitão vistoso,
O mais alegre que conhece o mundo
Nas flores, de que abunda, o mais formoso,
Nos frutos que produz o mais fecundo*

Esta é a forma como estas terras nos são descritas no Postilhão de Apolo e, ainda hoje, estas descrições têm comprovação quer nas actividades agrícolas, quer nos jardins das quintas de outros tempos.

As encostas a norte, que, até ao século XVIII foram coutadas de caça, deram lugar a terrenos de cultivo.

As vinhas e a pastorícia encontram nos vales de Picheiros, Alcube, Barris e nas Terras do Risco condições particulares para o seu desenvolvimento, estando na origem de dois dos mais importantes produtos da economia regional: o Moscatel de Setúbal e o Queijo de Azeitão.

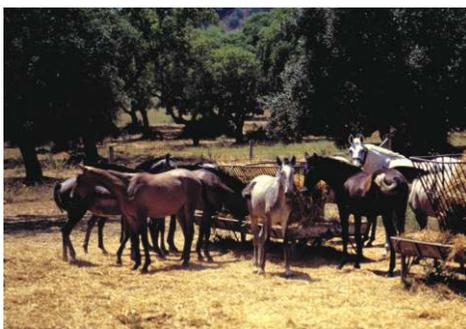
Oliveiras milenares

Na estrada que liga Vila Nogueira a Vila Fresca, junto à Quinta Nova, encontram-se três oliveiras de grandes dimensões, classificadas como Monumento Natural devido à sua antiguidade (cerca de dois mil anos, segundo alguns especialistas).

Jardins

Entre os jardins, merece especial referência o da Bacalhoa, que serviu de modelo aos jardins portugueses dos séculos XVII e XVIII.

Também nas Quintas das Torres e de Santo Amaro e no Convento da Arrábida (junto à Capela do Bom Jesus) se encontram jardins com bastante interesse.



Quinta da Bacalhoa - Jardins



TRADIÇÕES

Artesanato

O artesanato de Azeitão reproduz bem o vínculo entre o passado e o presente. As tradições das antigas «artes» que decoravam os palácios e quintas de Azeitão têm continuidade, nos nossos dias, no trabalho de várias oficinas que, seguindo as técnicas e modelos mais tradicionais ou dando-lhes novas interpretações, produzem azulejos, peças de cerâmica, vitrais ou trabalhos em metal.

Muitas destas oficinas estão abertas ao público, permitindo-nos conhecer a forma de transformar a matéria em vida e arte.

Festas

As festas tradicionais traduzem ingénuas e sinceras crenças populares, onde o religioso e o profano se misturam, conferindo-lhes um enorme pitoresco.

Nas festas que se realizam nas terras de Azeitão conserva-se ainda o espírito e singeleza de tempos antigos. São rituais religiosos e festas em que velhas tradições (o arraial, a quermesse, os jogos populares, a banda filarmónica) coexistem com as actividades desportivas e a música moderna, numa permanente alegria marcada pelo «foguatório».

•**Círio da Arrábida** - Julho (Vila Nogueira de Azeitão)

•**Festas da Arrábida e Azeitão** - meados de Julho (Vila Nogueira de Azeitão)

•**Festa de S. Pedro** - finais de Julho (S. Pedro de Alcube)

•**Festa de Nossa Senhora del Carmen** - Meados de Agosto (Capela de Nossa Senhora de El Carmen)

•**Festa da Sr.^a da Conceição**

•**Festa de Nossa Senhora da Saúde** - início de Setembro (Vila Fresca de Azeitão)

•**Procissão do Senhor dos Passos** - Novembro (Vila Nogueira de Azeitão)



Mercados

O Mercado Mensal, que tem lugar nos primeiros domingos de cada mês, junto a Brejos de Azeitão, é um dos mais populares mercados de ar livre de toda a região, onde se pode encontrar de tudo um pouco.

Feira de Velharias

Apesar da sua curta existência é já o ponto de encontro para aqueles que apreciam os artefactos de outros tempos ou as verdadeiras antiguidades.



Tortas de Azeitão



Queijo de Azeitão



O património gastronómico de Azeitão é tão prestigiado quanto o seu património histórico e cultural.

Queijo de Azeitão

Representativo de uma das actividades tradicionais do Parque Natural da Arrábida, o Queijo de Azeitão é um queijo amanteigado, feito com leite de ovelha, que se caracteriza pelo seu sabor e aroma peculiares, qualidades que lhe são conferidas pelos pastos da Arrábida e o cardo que é utilizado na sua coagulação.

A sua origem remonta ao século XIX quando um queijeiro da Serra da Estrela se estabeleceu em Azeitão e ensinou aos pastores da região os segredos do fabrico que, transmitidos de geração em geração, deram origem a um dos mais apreciados queijos portugueses.

Doçaria

A doçaria de Azeitão é também bastante conhecida e as suas principais especialidades são as Tortas, os Esses e os Queijinhos Doces.



GASTRONOMIA

Mel

A abundância de plantas aromáticas (alecrim, murta, esteva, rosmaninho, tomilho e tojo entre outras), aliada ao carácter temperado dos invernos, oferece boas condições para a apicultura. O Mel da Arrábida tem um sabor aveludado e muito característico.

Vinhos

Desde tempos antigos que a cultura da vinha se pratica nesta região e a vitivinicultura continua a ser uma das suas principais actividades. Atesta o facto de duas das maiores empresas nacionais desta área estarem instaladas em Azeitão - José Maria da Fonseca e JP Vinhos.

As condições de clima e do solo favorecem a produção de uvas e de vinhos de diversos tipos.

Especialmente afamado é o Moscatel de Setúbal, um vinho licoroso, com aroma floral exótico e toques de mel, tâmaras e laranja que o tornam peculiar e inconfundível.

Produzem-se também vinhos de mesa tintos e brancos.

Azeitão



Fonte de Aldeia Rica - pormenor

